

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH III  
CURSO DE JORNALISMO EM MULTIMEIOS**

**LAURA CARVALHO AMARO BITÚ**

**POD REPETIR?  
(Memorial)**

Juazeiro  
2024

LAURA CARVALHO AMARO BITÚ

**POD REPETIR?  
(Memorial)**

Memorial analítico descritivo, apresentado como requisito parcial de avaliação para obtenção de grau em bacharel em Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Teresa Leonel Costa

ATA DE APRECIÇÃO DE PARECER DE TCC

Aos três dias do mês de 06 ano de dois mil 24  
reuniram-se nas dependências do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da  
Universidade do Estado da Bahia, situado à Avenida Edgard Chastinet, s/n, bairro São  
Geraldo, Juazeiro/BA, a Banca Examinadora composta pelo orientador (a) TERESINHA  
DE J. LEONEL DE O. COSTA (SERFEA LEONEL) avaliador(a) \_\_\_\_\_  
DAULA CARLA DOS SANTOS e avaliador(a) CLARA MIRANDA  
DE SOUSA

para julgar o trabalho de  
conclusão de curso intitulado ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS  
COM TDA A - POD REPETIR?

de autoria do(a) discente LAURA  
CARVALHO AMARO BITÚ

Após a apresentação e arguições, a Banca deliberou, segundo os critérios estabelecidos  
no Regimento do TCC e que foram devidamente observados por cada membro da  
Banca, concluindo pela:

A - aprovação integral ( X ):

B - aprovação condicionada aos seguintes reparos ( X ):

alguns apontamentos do processo metodol.  
lógicos e as observações que a banca  
apontou.

C - não aprovação ( \_\_\_\_\_ ):

com a nota final 10,0. Para constar foi lavrada a presente ata, que vai  
datada e assinada pelos examinadores.

Orientador (a) \_\_\_\_\_

Avaliador (a) \_\_\_\_\_

Avaliador (a) \_\_\_\_\_

Juazeiro, 03 de 06 2024

*“Eu não quero ser o seu herói,  
Eu não quero ser um grande homem,  
Só quero lutar como todo mundo”*

**Joe Keefe**

## AGRADECIMENTOS

Pensei várias vezes em como começar os agradecimentos do meu trabalho de conclusão, idealizando quem estaria nele e a ordem a qual eu citaria todas as pessoas que foram importantes para mim durante todo esse processo, mas me dei conta, que os meus agradecimentos precisavam começar com a pessoa que mais amei em toda minha vida e que não pode se fazer presente durante essa trajetória acadêmica. Por tanto dedico esse TCC ao grande amor da minha vida, o qual me ensinou o que era amor desde a primeira batida do meu coração, a minha mãe que me amou desde que soube da minha existência.

Para me tornar a mulher que sou hoje, agradeço a minha mãe, que desde sempre se fez presente na minha vida, de forma amorosa, me apoiando e me mostrando que não importa quais desafios precisasse enfrentar, eu sempre conseguiria vencê-los de cabeça erguida. Mesmo tendo diagnósticos de transtornos e sendo uma criança atípica, minha mãe nunca me deixou acreditar que sou diferente das outras pessoas ou que não sou capaz de conquistar o mundo, muito pelo contrário, sempre me encorajou a sonhar alto.

Agradeço por ser um exemplo não apenas de mãe, mas de mulher, sempre foi uma pessoa forte, independente e me ensinou a ser assim também, mesmo que não tão corajosa como ela, sempre tento seguir os seus passos de coragem e tento levar sempre comigo os seus ensinamentos. Realmente é uma pena que o câncer tenha tirado da nossa família a nossa base de maneira tão precoce, possibilitando que minha mãe se fizesse presente em vida para testemunhar essa realização, pois foi a minha maior apoiadora, porém, em momentos melancólicos, me apego a esperança que onde estiver, está orgulhosa de mim.

Agradeço ao meu pai, por ser um exemplo de paternidade e homem, sempre amoroso, me ensinou que a vida, independente de quão difícil seja, pode ser vivida de maneira leve, sem pressa, e sem se por para baixo no processo. Assim como minha mãe, meu pai também sempre foi uma base firme de apoio, que nunca desacreditou das minhas capacidades, mesmo que eu mesma estivesse em dúvida sobre as minhas habilidades. Por ter um pai que me apoiou desde o princípio, e acreditou em mim, sem me exigir nada além da minha própria felicidade, pude ser capaz de crescer de acordo com meus próprios ideais e chegar aonde cheguei.

Agradeço ao meu parceiro de vida, que conheço desde que me entendo por gente, meu irmão Heitor, meu primeiro e mais valioso amigo. Assim como meus pais, meu irmão sempre fez parte da minha torcida particular, ao meu lado, independente da ocasião. Ao meu querido irmão sou grata de todo coração pela parceria, paciência e amor.

Sou grata a toda minha família amorosa, em especial as minhas tias Lúcia, Clara, Angela, Socorro e Simone, as minhas primas Bianca, Sarah e Leticia, que sempre se fizeram presentes na minha vida, quando se é uma criança diferente, uma adolescente estranha e um adulto atípico, ter em seu seio familiar, pessoas que te apoiem e não te olhem de maneira diferente, sem pôr em questão a sua capacidade, torna o terreno fértil, para que você cresça da maneira mais bonita, assim como uma flor em um solo bem cuidado.

A segunda parte dos meus agradecimentos vai para minha segunda família, aqueles que me acompanharam por mais de 10 anos, permitindo ser amada da forma que sou independente de como seria esse eu, ou quais seriam os caminhos que eu iria seguir. Aos meus queridos amigos, Bianca, Diogo, Felipe, Eduardo, Vitória, Fernanda e Paloma sou muito feliz pela existência de cada um, pois estão em um espaço importante no meu coração e na minha vida, espaço esse que sou infinitamente sortuda por ter, obrigada por serem exatamente quem são, a vida se torna muito mais divertida ao lado de pessoas tão especiais.

As minhas estimadas amigas Andressa Marques, Lara Bianca e Lara Frota, que mesmo de longe, se fizeram presentes em toda a minha trajetória acadêmica, me dando força para enfrentar cada obstáculo, torcendo por mim de onde estivessem; Obrigada por serem excelentes amigas.

Agradeço aos meus colegas de turma, pelos 6 anos que passamos juntos, apesar de não sermos a turma mais bem quista dentro da universidade, eu não gostaria de fazer parte de nenhuma outra, pois ao longo dessa trajetória construímos laços que espero levar por toda vida. Um agradecimento especial às minhas amigas, Alexia e Júlia, que estiveram do meu lado antes e durante a escrita do meu trabalho, não me permitindo desistir. Vocês são pessoas incríveis e creio que serão excelentes profissionais, sou eternamente grata pela nossa amizade.

Agradeço ao meu namorado, Matheus, por ser a minha rede de apoio durante o processo do meu trabalho de conclusão, ao seu lado pude tornar esse processo mais tranquilo, sempre tendo a quem recorrer em busca de conforto e apoio. Para tonar esse projeto possível, sou grata às professoras Dalila Santos e Carla Paiva, por todo suporte que me ofereçam no momento mais delicado da minha trajetória na UNEB, se não fosse pelo apoio e incentivo de ambas, não sei se seria capaz de realizar esse feito.

Um agradecimento especial para minha orientadora, Teresa Leonel, primeiramente por topar o desafio de embarcar nesse projeto comigo, segundo por sempre me incentivar durante a trajetória e pelos ensinamentos que levarei ao longo da minha jornada profissional.

Antes de finalizar o meu último agradecimento, gostaria de agradecer a mim, por não desistir, mesmo que tudo indicasse que eu não iria conseguir, por não aceitar quando me falaram que eu não seria capaz. A jornada acadêmica não foi fácil, mas fico feliz pelas conquistas que realizei até aqui.

Agradeço por fim a Hector Bellerin, por ser um exemplo de pessoa fora dos campos, uma das minhas fontes de inspiração, que mesmo estando em um ambiente que não se pensasse em inclusão, sempre apoiou causas sociais e as diversidades, sendo assim, um exemplo de pessoa a se seguir.

## RESUMO

Este trabalho busca compreender a realidade de estudantes neurodivergentes, mais precisamente os estudantes com diagnóstico de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), a fim de conhecer as principais dificuldades e estratégias utilizadas pelos estudantes da Universidade do Estado da Bahia, campus III em Juazeiro, visando a adaptação e a inclusão no ambiente acadêmico. O formato de podcast narrativo foi escolhido pela compreensão de que seria mais confortável para as fontes contar as suas histórias, sem a presença de uma câmera, respeitando a privacidade, porém, permitindo utilizar as vozes para compartilhar as experiências. A produção, dividida em três episódios do podcast em formato narrativo, proporciona ao ouvinte aprender sobre do que se trata o transtorno, a partir do entendimento da psicologia, como deve ser pensado a inclusão, baseado na pedagogia, e o cotidiano daqueles que sofrem por não estar em um local adaptado.

**Palavras-chave:** TDAH; Estudantes neurodivergentes; Inclusão no ambiente universitário; Podcast narrativo;.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2.OBJETIVOS .....	13
3. JUSTIFICATIVA .....	14
4. REFERENCIAL TEÓRICO... ..	16
5. PERCURSO METODOLÓGICO... ..	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
7. REFERÊNCIAS .....	26
8. APÊNDICE 1- Ficha técnica .....	29
9. APÊNDICE 2- Roteiro do Teaser.....	30
10. APÊNDICE 3- Roteiro ep 1 “ PIÃO” . .....	31
11. APÊNDICE 4- Roteiro ep 2 “QUEM APRENDE?” . .....	37
12. APÊNDICE 5- Roteiro ep 3 “QUEM SOU EU?” . .....	42
13. APÊNDICE 6-Formulário de perguntas(Estudantes) .....	57
14. APÊNDICE 7-Formulário de perguntas(Psicólogos) .....	58
15. APÊNDICE 8-Formulário de perguntas(Pedagoga) .....	59

## 1. INTRODUÇÃO

É comum associar e catalogar as pessoas em padrões de normalidades, sendo o que é dito normal aceito e o que é anormal deixado de lado, por não corresponder ao padrão esperado pela sociedade. A partir desse pensamento de normalidade, surge a nomenclatura “neuro divergente”, que representa o grupo de pessoas que não fazem parte desse “normal”, sendo considerada pessoas atípicas.

Pessoas neuro atípicas ou neuro divergente, são pessoas cuja formação cognitiva cerebral não funciona de acordo com o padrão social e cultural esperado pela sociedade a qual se enquadra. Portanto, seu funcionamento diverge dos demais, podendo afetar a comunicação, a cognição, seu comportamento e o seu processo sensorial, apresentando uma variação considerável no funcionamento cerebral em relação aos indivíduos típicos.

Os neurodivergentes são um grupo plural, aos quais seus pesquisadores apontam uma variação de condições neurológicas que não se enquadram no padrão de normalidade, e que se difere entre seu próprio grupo, pois cada indivíduo terá um funcionamento cerebral diferente, mesmo aqueles que estão presentes dentro desta nomenclatura. Entre os neurodivergentes, esse trabalho irá focar no Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é um transtorno ligado ao neurodesenvolvimento cerebral, que ocasiona distúrbios comportamentais, como de esquecimento, destrutibilidade, impulsividade e desorganização. O indivíduo que possui essa condição, passa por diversas dificuldades na vida acadêmica, pela falta de atenção e possuir grande dificuldade para finalizar tarefas, fator que contribuí para que a criança seja diagnosticada logo nos primeiros anos da vida escolar (Poeta e Neto, 2006).

Considerado um problema de saúde pública, por ser um dos principais fatores do fracasso acadêmico, já que em estudos recentes realizados no Brasil, cerca de 7% das crianças brasileiras possuem essa condição, foi aprovado um projeto de lei que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) (CAMARA, 2023).

A lei de número 14.254 aprovado em dezembro de 2021, assegura a proteção aos direitos as pessoas com TDAH, e como diretrizes prevê o acesso integral saúde, acesso gratuito a medicação, proteção a qualquer tipo de abuso e exploração, educação e ensino profissionalizante, emprego adequado a condição, moradia e assistência social (CAMARA, 2023)

Esse projeto contribui para que pessoas com TDAH consigam se inserir no mundo acadêmico e possuir as mesmas oportunidades que pessoas típicas, como uma educação inclusiva, adaptada para corresponder as necessidades particulares de cada aluno, portanto o seu aprendizado não será afetado devido ao seu cérebro não possuir o mesmo funcionamento que os demais.

Por um longo período, foi associado o TDAH a fase infantil, acreditava-se que o transtorno era relacionado apenas a infância, desaparecendo conforme a criança virava adulto, entretanto, com base em estudos realizados na década de 90, foi comprovado que os sintomas de TDAH persistem ao longo da vida do indivíduo. (Barkley, Murphy, & Fischer, 2010)

Esse indivíduo permanece tendo sintomas associados ao TDAH ao longo da vida. Portanto, um adulto com TDAH vai apresentar os mesmo sintomas associados a desatenção, hiperatividade e impulsividade que uma criança, gerando danos a sua vida, acadêmica, pessoal e ambiente de trabalho.

Adultos com TDAH frequentemente fazem listas, mas se esquecem de usá-las, não conseguem acompanhar muitas atividades ao mesmo tempo, precisam de um prazo rígido para concluir tarefas, mudam de emprego ou planos de forma inesperada e calculam mal o tempo disponível. Em resumo, as queixas de adultos portadores do TDAH referem-se à desorganização, baixa capacidade de concentração, esquecimentos, dificuldades para finalizar tarefas, sensação crônica de excesso de atividades e incapacidade de planejar o futuro (APA, 2013).

Dentre o ambiente acadêmico, esse mesmo aluno, vai apresentar as mesmas dificuldades que os demais, entretanto, algumas atividades podem se tornar mais difícil de serem executadas devido à falta de organização, gestão do tempo, falta de estímulos que possibilitem uma perda menor de desatenção, dificuldade em realizar provas ou atividades escritas.

Por fim, esse estudo visa realizar uma análise para compreender como está sendo aplicado esse projeto de inclusão aos estudantes com TDAH nas universidades de Juazeiro (BA), a fim de conhecer suas vivências ao longo da vida acadêmica. Visto que não é comum serem feitos esses recortes nas grandes mídias que focam nos estudantes neuro atípicos de ensino fundamental, acarretando a falsa ideia de que essas pessoas não estão no ensino superior.

## **2. Objetivos**

### **2.1 Geral**

Conhecer as principais dificuldades e estratégias utilizadas pelos estudantes universitários com TDAH em Juazeiro visando adaptação acadêmica.

### **2.2 Específicos**

- Identificar processos de inclusão no ensino superior, com foco nos transtornos neurodivergentes e processos de adaptação acadêmica de estudantes que apresentam essas características;
- Apontar alguns caminhos utilizados pelos estudantes com TDAH para a convivência com colegas e professores na universidade;
- Produzir um podcast com narrativas de vivências dos estudantes universitários com TDAH na Uneb Juazeiro.

### 3. Justificativa

O tema utilizado como objeto de estudo deste projeto foi escolhido por questões pessoais. Sou uma pessoa neurodivergente, com laudo de TDAH e TOC, (transtorno obsessivo-compulsivo). Estou concluindo o ensino superior e passei por diversas dificuldades na vida acadêmica, por não está em um local inclusivo, que não obtêm um espaço acolhedor para compartilhar as divergências e tão pouco adaptado para receber pessoas com essa condição. Surge, assim, a vontade de realizar um produto que aborde a temática para entender como outros estudantes em situação semelhante estão passando pelo processo da graduação.

Para produção do memorial, optei por um formato inclusivo, que permitisse para as demais pessoas atípicas, que fossem ter acesso a esta pesquisa, uma leitura que proporcionasse uma maior compreensão de conteúdo, pois de nada adianta abordar sobre a temática de inclusão e não fornecer um material acessível para aqueles que sofrem com a falta de acessibilidade. Para isso, foi utilizado o formato textual que se enquadrasse nas regras recomendadas de adaptação, como a escolha correta da fonte, que permite ao leitor não confundir as letras, tamanho de título (14), texto não justificado, fechando as informações na mesma página para melhor distinção e o leitor não se perder durante a leitura. Por isso, o presente trabalho não obedece às normas da ABNT.

Este modelo de trabalho foi uma sugestão da minha orientadora, Teresa Leonel, com apoio da coordenadora da Comissão de TCC, Carla Paiva, das membras da banca, professoras Dalila Carla dos Santos e Clara Maria Miranda de Sousa, endossado pelo Colegiado de Jornalismo em Multimeios. É importante ressaltar que esta é a primeira vez que esse tipo de formato/apresentação de trabalho de conclusão de curso é executado na Universidade do Estado da Bahia, campus Juazeiro. Também não temos conhecimento se decisão desse nível já fora implantada em outros campi da unviersidade. A iniciativa é um precedente e deve servir como modelo para outros estudantes que estejam vivenciando situações semelhantes.

Os estudos associados ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) começaram a ter mais espaço na mídia e nas redes sociais nos últimos anos. O que foi positivo para começar um processo de inclusão das pessoas que possuem esta condição e uma facilitação para obter diagnósticos precoces por saber a existência do transtorno e reconhecer os sintomas logo na primeira infância. Porém, poucas vezes esse assunto é abordado de maneira correta, caindo em estigmas e estereótipos que desinformam ao invés de informar, por passar informações erradas, dificultando a compreensão real do quão grave os transtornos são. Isso torna a vida dos neurodivergentes mais difícil no processo de inclusão. Portanto, este trabalho tem como justificativa apresentar o assunto de maneira correta e sem estereótipos.

Outro ponto que torna esse trabalho de suma importância está relacionado ao fato de que os estudos recentes que abordam a temática estão focados, principalmente, na educação infantil, pensando em uma adaptação pedagógica para crianças e o processo escolar, como se essa criança não fosse tornar-se um adulto que frequenta o ensino superior, e, portanto, não havendo a necessidade de um ambiente universitário adaptado para esta pessoa.

Pensando no jornalismo como meio de abordar essa temática de forma correta e questionar essa inclusão na universidade, acredito na relevância do tema para produção de um trabalho de conclusão de curso, por não ter nenhum outro trabalho feito sobre a mesma temática no curso de Jornalismo em Mídias da Universidade da Bahia, e por ser um tema atual, e merece ser abordado com outro olhar.

Para proporcionar que os próprios estudantes tivessem espaço para contar as suas histórias, foi escolhido o formato de podcast, a escolha também se deu ao fato de que se tornaria mais confortável conversar sem a presença de uma câmera, por se tratar de um assunto que pode ser delicado para os mesmos, expor a sua imagem ou falar para câmera, tornaria a conversa mais retraída, e desconfortável. Outro fator para escolha de produto de áudio foi pensar que o trabalho poderia ultrapassar as barreiras acadêmicas, por ter uma linguagem mais coloquial, atingindo um público maior.

## 4.REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1 Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

Estudos recentes apontam que o transtorno de déficit de atenção é ocasionado por uma junção de fatores genéticos, biológicos e cerebrais, que ocasionam uma disfunção da neurotransmissão dopaminérgica na área frontal e na região límbica cerebral (Rubia et al., 2001). Segundo Amsten (2005) as insuficiências nos circuitos do córtex pré-frontal e amígdala, a partir da neurotransmissão das catecolaminas, resultam nos sintomas de esquecimento, distratibilidade, quando a atenção é desviada muito facilmente por estímulos externos insignificantes ou irrelevantes, impulsividade e desorganização.

Por muito tempo, o TDAH foi tratado como um transtorno específico da infância. Contudo, verificou-se que as pessoas com esse diagnóstico continuavam apresentando os sintomas ao longo da vida. Nos últimos anos, muitos pesquisadores dedicaram-se a esclarecer como os sintomas manifestam-se na vida adulta e suas consequências (Barkley, Murphy, & Fischer, 2010)<sup>1</sup>.

Seno aponta que os sintomas do TDAH podem ser classificados em quatro tipos: desatento, hiperativo/impulsivo, combinado ou específico, sendo mais comum o tipo combinado, em cerca de 60% dos casos.

O desatento não enxerga detalhes, faz erros por falta de cuidado, apresenta dificuldade em manter a atenção, parece não ouvir, tem dificuldade em seguir instruções, desorganização, evita/não gosta de tarefas que exigem um esforço mental prolongado, distrai-se com facilidade, esquece atividades diárias; tipo hiperativo/ impulsivo: inquietação, mexer as mãos e os pés, remexer-se na cadeira, dificuldade em permanecer sentada, corre sem destino, sobe nos móveis ou muros, dificuldade em engajar-se numa atividade silenciosamente, fala excessivamente, responde perguntas antes delas serem formuladas, interrompem assuntos que estão sendo discutidos e se intrometem nas conversas; tipo combinado: quando o indivíduo apresenta os dois conjuntos de critérios desatento e hiperativo/impulsivo; tipo não específico, quando as características apresentadas são insuficientes para se chegar a um diagnóstico completo, apesar dos sintomas desequilibrar a rotina diária. (Seno, 2017)<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872017000200013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872017000200013)

<sup>2</sup> [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862010000300003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000300003)

É comum que as pessoas que possuem esse transtorno, devido a fatores como diagnóstico tardio e falta de tratamento adequado, desenvolvendo outros transtornos, como de ansiedade e depressão, por exemplos. Isso porque elas estão sempre se comparando com os demais, ou não conseguem ter o rendimento esperado por mais que se esforcem.

Com relação às comorbidades associadas ao transtorno, foi descrita a seguinte prevalência de problemas psiquiátricos em pacientes com TDAH comparado com grupo controle: 18 vs. 4% de depressão; 6 vs. 1% transtornos da infância, 6 vs. 2% de transtorno de ajustamento, 6 vs. 1% de TOD; 5 vs. 0% de psicose, 4 vs. 1% de TC, 2 vs. 1% de abuso de substância e 1 vs. 1% de ansiedade. O mesmo estudo estendeu-se aos pais de pacientes com TDAH e pais controles: 9 vs. 4% de depressão, 1 vs. 0% de transtorno da infância; 4 vs. 2% de outros transtornos mentais; 2 vs. 1% de transtorno de ajustamento; 0 vs. 0% de TOD; 1 vs. 1% de psicose; 0 vs. 0% de TC; 2 vs. 1% de abuso de substância e 1 vs. 1% de ansiedade. (Seno, 2017)<sup>3</sup>

## 4.2 TDAH e a educação

Mesmo que esses estudados sejam recentes, a necessidade de incluir os indivíduos atípicos nos processos pedagógicos iniciou no final do século XIX, quando pesquisadores pioneiros na área da educação começaram a questionar como eram ofertados educação e o tratamento clínico para pessoas que não se encaixavam no padrão esperado socialmente (Montessori, 1943).

Diante de um cenário de exclusão dessas pessoas, começou-se a pautar a necessidade de alterações das leis capacitistas, que não propunham educação adequada capaz de proporcionar autonomia para os neurodivergentes. Passou-se a pensar em inserir práticas pedagógicas adaptadas e inclusivas, para acolher essas pessoas no âmbito escolar, não mais excluindo dos processos acadêmicos como se não fossem capazes de aprender por não possuírem um cérebro típico (Mantoan, 2003).

---

<sup>3</sup>[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862010000300003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000300003)

No final do século XX, uma das precursoras na criação de paradigmas pró-valorização das diferenças foi a socióloga australiana Judy Singer, que cunhou a expressão neurodiversidade. Conforme a autora, neurodiversidade é a compreensão de que condições neurológicas diferentes do “padrão” são variações naturais, ou seja, são parte da diversidade humana e não requerem cura ou tratamentos clínicos invasivos com o objetivo precípuo de tornar os indivíduos neuro divergentes “indistinguíveis dos pares” (Singer, 1999; Souza, 2018).

A partir desse entendimento, as diferenças humanas passaram a ser compreendidas, respeitadas e analisadas como categoria social (Fonseca et al., 2021). Porém, mesmo esses processos tendo iniciado no século XIX, e possuindo grande relevância para serem debatidos, no Brasil ainda há uma escassez de estudos e debates voltados para a área pedagógica. Os debates acadêmicos acerca da neuro diversidade estão voltados para neurociência e saúde (Sadzinsk Júnior; Wayszceyk; Wuo, 2020).

Entretanto, há uma pequena parcela desses estudos já publicados, pensando no ambiente pedagógico, em sua maioria, voltados para processos da inclusão e desenvolvimento de alunos de ensino fundamental, tendo pouco conteúdo voltado para os processos de inclusão no ensino superior.

Além disso, a necessidade de se adaptar ao contexto universitário pode ser especialmente problemática para alunos com TDAH devido à necessidade de maior autonomia no gerenciamento do tempo no ensino superior (Oliveira & Dias, 2015). Todas essas dificuldades combinadas podem contribuir para que estudantes com esse transtorno acreditem não ser capazes de cumprir com as responsabilidades acadêmicas e profissionais (Oliveira et al., 2016)

### **4.3 TDAH e a universidade**

As principais formas que os estudantes de ensino superior passam a ter as vidas acadêmicas afetadas devido ao seu transtorno passaram a ser foco de estudos nacionais e internacionais; pois os sintomas de desatenção, hiperatividade,

e impulsividade podem prejudicar a realização das atividades acadêmicas por não conseguirem ser realizadas no tempo estimado (Rabiner et al., 2008).

Em um estudo comparativo entre pessoas típicas e atípicas, realizado nos Estados Unidos, aponta que pela universidade ser um local que exige do estudante um controle de tempo e autonomia maior, os estudantes atípicos, apresentaram maiores dificuldades de adaptação acadêmica (Oliveira et al., 2016), e maior dificuldade no planejamento de execução de tarefas diárias em relação aos demais.

As principais dificuldades elencadas pelos participantes podem ser explicadas, pelo menos teoricamente, pelos sintomas do transtorno. A necessidade de maior autonomia no contexto universitário, de buscar conhecimento relacionado à área de estudo ou de informações sobre o curso pode ser um desafio para estudantes com TDAH que não contam com o suporte dos genitores e/ou professores para organizar e planejar o uso dessas informações (Rabiner et al., 2008).

Estudantes com TDAH apresentam uma dificuldade maior para atender as demandas acadêmicas, demonstrando uma certa dificuldade para realizar as atividades avaliativas, como provas, manter-se dentro de sala de aula, prestar atenção no conteúdo passado, ou estudar em casa, devido aos sintomas decorrente a falta de atenção e hiperatividade, o que termina por prejudicar o seu rendimento acadêmico.

As dificuldades relacionadas à concentração e ao raciocínio relatadas pelos participantes também podem ser decorrentes dos sintomas do TDAH. Há um *déficit* funcional na região fronto-orbital do cérebro que compromete o comportamento inibitório e as funções executivas, responsáveis pela inibição do comportamento, pela manutenção da atenção, pelo emprego do autocontrole e pelo planejamento para o futuro (Sjöwall, Roth, Lindqvist, & Thorell, 2013). Assim, pode ser particularmente difícil para estudantes com TDAH manter atenção na explicação do professor durante as aulas ao mesmo tempo que tentam controlar o impulso de prestar atenção à conversa dos colegas ou a outros estímulos do ambiente (Dias e Oliveira, 2017)

Para que o rendimento desses estudantes seja equiparado ao de estudantes típicos, faz-se necessário a adaptação do meio acadêmico, com a finalidade de

compreender as necessidades e dificuldades, desenvolvendo atividades que correspondem as suas demandas a fim de diminuir os prejuízos.

#### **4.4 Podcast**

O podcast é uma produção de áudio com a função de transmitir informações online. O termo "*podcast*" surgiu em 2004 a partir de uma publicação de um artigo no jornal britânico The Guardian. O formato se assemelha aos programas de rádio e chama atenção para o público mais jovem. Dispõe de conteúdos nem sempre factuais e com uma variedade maior, possibilitando um aprofundamento dos assuntos, visto que não possui uma urgência para ser postado/veiculado. (FARIA, 2019).

Apesar do podcast e do rádio serem meios de comunicação transmitidos por voz, e terem aspectos semelhantes em sua produção, linguagem, e em ambos os casos ser utilizado à linguagem mais coloquial e menos informal para transmitir as notícias, os dois possuem particularidades que se diferem entre si, como exemplo, a forma de ser transmitido. O rádio é transmitido de maneira síncrona. O ouvinte precisa estar com um aparelho ligado a uma das emissoras disponíveis no exato momento em que a notícia está sendo veiculada para poder obter a informação. Isso difere dos podcasts, que são postados de maneira assíncrona. O ouvinte pode ouvir quando quiser, basta apenas ter internet conectada para obter conteúdo, e não precisa acompanhar outros programas para compreender o que está sendo dito. (FARIA, 2019).

No caso do formato do produto desenvolvido para o projeto de conclusão de curso, foi utilizado o formato de podcast, pensando na produção como algo para ser consumido de maneira que o ouvinte possa ouvir o conteúdo em qualquer momento. O formato técnico do podcast não precisa, necessariamente, ser produzido ao vivo. , Pode ser realizada previamente uma gravação, entrevistas, edição e só posteriormente chegar aos ouvintes, nesse caso de forma online, sem ter que esperar um horário específico para ser consumido.

## 5. PERCURSO METODOLÓGICO

A ideia inicial era realizar um projeto em formato escrito, que abordaria a temática de tecnologia, devido às dificuldades que poderia encontrar para realização da parte escrita juntamente com um produto, já que por conta do TDAH, tenho dificuldades no que diz respeito a gerenciamento de tempo. Entretanto, após um episódio de capacitismo, no qual o meu antigo orientador mencionou que eu seria incapaz de realizar uma monografia, já que, segundo ele, sou limitada biologicamente, fez-se necessário repensar o projeto de pesquisa anterior para abordar a temática de inclusão.

A primeira etapa da construção do presente trabalho foi necessário pensar no que diz respeito a inclusão de pessoas com TDAH dentro da universidade, e quais seriam os estudos que abordassem essa temática de modo que o presente trabalho não fosse um material feito para uma bolha que já compreende do assunto, mas que ultrapasse essa barreira a fim de conscientizar os demais docentes e discentes a respeito da importância de incluir.

Os estudos presentes neste trabalho tiveram como base as pesquisas qualitativas para melhor compreensão do contexto ao qual os estudantes estão inseridos; como funcionam os transtornos e como eles afetam a vida pessoal e acadêmica, buscando realizar uma análise em uma perspectiva integrada. Schmidt explica que

o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (Schmidt, 1995)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>

Dentre o que se compreende sobre pesquisa qualitativa, o presente estudo utilizou as características de estudo de caso, que visa um aprofundamento detalhado da pessoa que irá ser entrevistada ou de uma situação em particular. A pesquisa adota um perfil exploratório e descritivo, segundo a pesquisadora Arilda Schmit (1995), “O pesquisador deve também preocupar-se em mostrar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação, uma vez que a realidade é sempre complexa”<sup>5</sup>.

Pensando nesse aprofundamento, a escolha do local para realizar as entrevistas foi crucial para que os mesmos se sentissem confortáveis para compartilhar suas histórias. Se tratando de um assunto que por muitas vezes pode ser delicado, muitos dos estudantes ao estar em um ambiente acolhedor, e na presença de uma pesquisadora que tem o mesmo diagnóstico, relataram se sentir mais confortáveis para falar.

As entrevistas foram todas realizadas na sala de TCC, no prédio da biblioteca, na universidade do Estado da Bahia em Juazeiro. O local é pouco frequentado, já que normalmente fica fechado, e só é aberto quando solicitado. A sala tem mesas pequenas, que garantiram a proximidade entre a pesquisadora e o entrevistado, e com pouca movimentação. Portanto, com a falta de barulhos houve uma perda menor de atenção dos estudantes durante a entrevista.

Outro método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, a fim de compreender o conteúdo de maneira aprofundada, empregando um conjunto de procedimentos de busca por soluções, interligadas ao objeto de estudo, que no presente trabalho são os estudantes universitários com TDAH em Juazeiro, de forma ordenada.

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa

---

<sup>5</sup> <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>

bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

Para realizar a pesquisa bibliográfica foram utilizados livros que abordam o tema de neurodiversidade, artigos científicos a fim de compreender quais as características de pessoas com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, dissertação pedagógicas para analisar como é pensado o processo de adaptação e inclusão acadêmica e a lei brasileiro, Nº 14.254

As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, no formato semiestruturado, com um roteiro previamente elaborado. Ou seja, foram formuladas perguntas básicas relacionadas ao tema TDAH antes da realização das entrevistas. Essas perguntas ou como alguns autores gostam de chamar, perguntas principais, foram complementadas por outras perguntas e questionamentos que surgiram durante a entrevista.

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

No que diz respeito ao formato das perguntas, para facilitar o desenvolvimento da entrevista, optou-se por dividir o questionário em blocos. O primeiro com perguntas relacionado a vida pessoal, a fim de entender o processo do diagnóstico, compreender se o estudante possuía uma rede de apoio, e quais os impactos que o transtorno trouxe a vida deles. Já no segundo bloco, as perguntas

eram destinadas à vida universitária, desde o processo para ingressar na UNEB, as dificuldades enfrentadas para se adaptar ao ambiente acadêmico e as estratégias que utilizam para aproveitar os conteúdos.

A estrutura do podcast foi dividida em três episódios. O primeiro fez uma análise geral do que são os grupos neurodivergentes, com foco principal no transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, para que o ouvinte tenha conhecimento do que se tratam esses transtornos e para exemplificar as características, contando com a presença de psicólogos e/ou psiquiatras especializados na temática.

Para construção do primeiro episódio, foram entrevistados três profissionais da psicologia que realizam estudos na área dos transtornos do neurodesenvolvimento e estudos que correlacionam o TDAH e a fase adulta, para abordar, especificamente, esse grupo de pessoas. As entrevistas foram todas realizadas no formato de videoconferência.

O segundo episódio trouxe uma visão voltada para o mundo acadêmico, a fim de compreender como está esse espaço e quais mudanças devem ser feitas para o processo de inclusão no meio universitário. Para isso, houve a participação de pedagogas que apontam caminhos para jornada de acolhimento a estudantes com TDAH. No episódio, foi entrevistada uma pedagoga Silvia Benevides, que atualmente é a coordenadora do núcleo de inclusão da Universidade do Estado da Bahia, campus Juazeiro, buscando compreender em qual estágio encontra-se a UNEB e qual é o papel da universidade nesse processo.

Por fim, após apontar a temática psicológica e pedagógica, o terceiro e último episódio contou com a participação de pessoas neuro atípicas para compartilhar as vivências dentro da graduação. Para isso, foram entrevistados 5 estudantes, onde um deles optou por permanecer em anonimato, portanto, não está no podcast.

Os episódios têm duração alternada entre 15 a 30 minutos, a fim de não se tornar algo cansativo para aquelas pessoas atípicas que vão ouvi-los, visto que um áudio que ultrapassa esse tempo pode gerar desatenção e perda de interesse.

É importante mencionar que esse produto foi pensado para ser inclusivo, ou seja, se o assunto aborda o TDAH, as pessoas que possuem esse transtorno devem conseguir consumi-lo de maneira confortável.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas realizadas nesse trabalho apontam que os estudantes com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade da Universidade do Estado da Bahia, no campus III em Juazeiro, estão em um ambiente universitário com déficit no que diz respeito à inclusão, mesmo os que deram entrada na documentação, laudos, guia de encaminhamentos terapêuticos, entre outro, ainda não receberam nenhum tipo de apoio referente à acessibilidade dentro da universidade.

A partir das entrevistas notou-se que a universidade está no estágio inicial das medidas de inclusão. O Núcleo de Acessibilidade, implantado final de 2023, está realizando uma coleta de dados para obter os números de estudantes com TDAH e outros transtornos, dentro do campus III em Juazeiro. O processo de acolhimento e as providências que serão tomadas devem ocorrer após o levantamento de dados. Até o fechamento dessa pesquisa não havia data definida para fechamento dos dados. Ou seja, não há nenhuma medida efetiva a respeito de educação inclusiva ou atividades adaptadas.

No entanto, o atual estudo já aponta que a UNEB em Juazeiro, que a maioria dos cursos não possuem professores com formação e habilitação para trabalhar a inclusão no meio educacional. Os docentes não obtêm nenhum tipo de formação inclusiva ou receberam qualquer tipo de auxílio para realizar cursos de formação na área e até o momento não existem medidas para modificar esse cenário.

Enquanto a universidade não inclui esses alunos, eles apontam que existe um adoecimento mental, por sentirem que aquele ambiente não os pertence. Eles recebem demandas semelhantes aos demais estudantes e não conseguem acompanhar o ritmo. Isso gera um sentimento de insuficiência, pois acabam por se questionar se estão aptos para permanecerem na universidade.

Devido à diversidade de idades, gênero e de tempo de diagnóstico dos entrevistados, foi possível observar as diferentes formas de enfrentamento dentro do âmbito acadêmico. Aqueles com diagnóstico recentes apresentaram interesse em descobrir a respeito do transtorno e trabalhar táticas e estratégias de enfrentamento para lidar com o ambiente acadêmico.

As pessoas com diagnóstico tardio presentes neste estudo, mostraram-se aliviadas por finalmente poder tratar o transtorno que antes era desconhecido. Se tratando do recorte de gênero, foi observada uma abertura maior dos entrevistados do sexo feminino para falar sobre o transtorno com outras pessoas, dentro e fora da universidade, e pouca resistência em buscar ajuda psicológica, o que se difere aos estudantes do sexo masculino, que em sua maioria entrevistada, não estava em um tratamento psicológico e nem se sentia confortável de falar sobre o assunto com terceiros.

O trabalho alerta para a urgência de modificações a respeito da inclusão, já que a falta de um ambiente adaptado pode gerar danos não somente ao rendimento acadêmico, que no caso, já está sofrendo, uma vez que o aluno não recebe conteúdos adaptados às suas demandas. Isso faz com que o/a estudante não consiga ter o rendimento esperado, colocando-se em um local de desigualdade comparado aos estudantes típicos. E também a baixa estima, pois gera um sentimento de insuficiência, que causa danos não só no ambiente acadêmico, mas também ao âmbito social, o que pode ser irreversível.

## 7. REFERÊNCIAS

ALENCAR, H.F; BARBOSA, H.F; GOMES, R. V. B. Neurodiversidade: Aspectos históricos, conceituais e impactos na educação escolar. Paraíba: Conedu, 2021.

BRAUN, K.C. R. Dificuldades e estratégias de adaptação acadêmica em universitários com transtorno de déficit de atenção/hiperatividade na transição para a universidade. Porto Alegre, 2017.

CASTRO, C.X.L; LIMA, R.F. Consequências do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) na idade adulta. São Paulo: Rev. psicopedag. vol.35no.106,2018.

COMISSÃO aprova política de proteção aos direitos das pessoas com TDAH. Câmara, 12 Dez. 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/927116-comissao-aprova-politica-de-protecao-aos-direitos-das-pessoas-com-tdah/#:~:text=S%C3%A3o%20direitos%20da%20pessoa%20com,e%20assist%C3%Aancia%20social%2C%20entre%20outros>. Acesso em: 20 de Abr. de 2024.

COUTO, T. S; GOMES C.R.A; MELO, M. R. Aspectos neurobiológicos do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): uma revisão. Rio de Janeiro: Pepsic, 2010.

DIAS, A.C.G; OLIVEIRA, C.T; TEXEIRA, A.P. Efetividade de uma cartilha psicoeducativa sobre o TDAH em estudantes universitários. São Paulo,2018.

DIAS, A.C.G; OLIVEIRA, C.T. Repercussões do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) na Experiência Universitária. São Paulo: Pepsicol,2015.

ENETÉRIO,N.G.P; ROLINDO, J.M.R; SANTANA,P.F. A Inclusão do Jovem Adulto com TDAH no Ensino Superior.Anápolis,2019.

FARIA. Bruno. Descubra as diferenças entre rádio e podcast. Abril, 2019. Disponível em: <https://teletronix.com.br/blog/descubra-quais-sao-as-diferencas-entre-radio-e-podcast/> . Acesso em: 20 nov. 2023.

GODOY, A.S. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. São Paulo: ERA artigos, 1995.

GORRERE, T.S; SANTOS, E. R. TDAH e desempenho acadêmico: Reflexão acerca da inclusão no contexto universitário. Espírito Santo, 2020.

LIMA, T.C.S; MIOTO, R.C.T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Florianópolis: Ensaio, 2007.

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: Análise de objetivos e de roteiros. Bauru: 2004.

NEURODIVERGENTE: o que é, características, exemplos e mais. Exame, 22 Nov. 2023. Disponível em: <https://exame.com/esg/neurodivergente-o-que-e-caracteristicas-exemplos-e-mais/>

**APÊNDICE 1 – Ficha técnica**

Universidade do Estado da Bahia

Departamento de Ciências Humanas, Campus III, Juazeiro

Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios Trabalho de Conclusão de Curso

Roteiro e apresentação: Laura Bitú

Edição de áudio: Aléxia Viana e Laura Bitú

Identidade Visual: Laura Bitú

Orientação: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Teresa Leonel Costa

## APÊNDICE 2 - Teaser Pod repetir?

### **\*TRILHA SONORA\***

É comum associar e classificar as pessoas em padrões de normalidade aceitos pela maioria das pessoas. Mas, o que é ser "anormal"?

A partir do pensamento de normalidade, surge a nomenclatura “neuro divergente”, que representa o grupo de pessoas que não fazem parte desse “normal”, consideradas então como atípicas.

Esse grupo atípico, não é homogêneo, e dentro dele existe uma diversidade de transtornos e nomenclaturas, por isso vamos focar em apenas uma delas, o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade, mais conhecido como TDAH.

Nesse podcast, vamos mergulhar no universo desse tipo de transtorno, a partir da minha visão, atípica, para mostrar uma perspectiva diferente, abordando a realidade de estudantes universitários vivenciam o transtorno, e a visão de profissionais que atuam na área.

### **\*TRILHA SONORA\***

***Até o fechamento desse podcast, não temos o número exato de estudantes com TDAH na Universidade do Estado da Bahia, campus Juazeiro. Mas eles existem, e vocês vão conhecer a minha história e a história de outros discentes no decorrer desse podcast//***

### **GANCHO PRO EP 1**

Eu sou Laura Bitú, estudante de Jornalismo em Multimeios da UNEB, em Juazeiro, na Bahia. No primeiro episódio conversei com os psicólogos Beatriz dos anjos Dias, Miriam Tavares e Clóvis Panta para entender o que é o TDAH.

## APÊNDICE 3 - Roteiro EP 1 'PIÃO'

\* TRILHA SONORA\*

Rec 19 \* diário de bordo dia 1\*

\* TRILHA SONORA\*

Episódio 1 pião

Pausa

Meu contato com o TDAH não começou com essa pesquisa. Na realidade, o meu diagnóstico foi em 2022. Entretanto, a necessidade de trazer a tona esse debate, só se deu após um episódio de preconceito dentro da universidade, durante o processo de criação do projeto de TCC.

Esse foi o momento da virada de chave. Veio o desejo de pesquisar e conhecer outros estudantes com TDAH na universidade para narrar às histórias.

\* TRILHA SONORA\*

Estar desatento, olhar no fundo dos olhos de alguém, se perder na cor da íris...depois olhar com atenção nos fios de cabelo e em algum momento perceber que está perdendo alguma coisa. A pessoa tá falando com você e você está distante. Momentaneamente alguém esta falando e mesmo que você esteja olhando fixamente para ela, não é capaz de ouvir.

Hiperatividade. A sensação de ser um pião, aquele brinquedo antigo de infância que girava sem parar. Girando e girando, cheio de energia, no meio de adultos, já cansados.

Todas essas características são de uma pessoa atípica. Mas, a vida adulta não permite cometer erros. O transtorno, por muitas vezes, nos impede de retribuir.

\* TRILHA SONORA\*

Pensando em entender o que a psicologia diz a respeito da complexidade do TDAH, o primeiro passo dessa pesquisa foi buscar psicólogos que trabalhassem com a temática, e que estudassem a relação do transtorno com a vida adulta. Desse modo, podemos compreender os percalços que um estudante que possui o TDAH pode enfrentar no meio acadêmico.

Mas, antes de fazer essa relação entre o meio acadêmico e a psicologia, é compreender o que é o TDAH com Beatriz dos Anjos Dias, psicóloga e pós graduanda em análise do comportamento aplicada e capacitação em TDAH e TEA, Transtorno do Espectro Autista.

### **0:37 Beatriz 1-**

*“Primeiro o TDAH é uma sigla que significa transtorno do déficit de atenção e hiperatividade e se trata de um transtorno neuro biológico, ou seja, afeta a biologia do cérebro, e é caracterizado pela falta de atenção, inquietação, impulsividade, o TDAH aparece na infância e pode acompanhar o indivíduo por toda vida, a característica essencial desse transtorno é ter um padrão persistente de desatenção, hiperatividade, impulsividade que vai interferir no desenvolvimento e nas atividades cotidianas daquela pessoa”.*

### **BG SOBE E DESCE**

O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade é muito associado à infância. Porém, na década de 90 foi descoberto que o TDAH não era exclusivo da fase infantil, e sim um transtorno permanente durante toda a vida do indivíduo. Crianças e adultos possuem demandas e rotinas diferentes, e, portanto, esses sintomas podem se manifestar de maneiras distintas.

### **1:40 Beatriz 2-**

*“Em adultos o TDAH se manifesta com padrão recorrente na desatenção, hiperatividade e impulsividade, na desatenção o indivíduo pode apresentar uma divagação em tarefas, falta de persistência, dificuldade em manter o foco e desorganização. Então com recorrência essa pessoa pode não prestar atenção em detalhes e cometer erros por descuido, seja no meio escolar, no trabalho ou durante outras atividades, quando o outro fala parece que a cabeça dele está longe, mesmo que aquele meio não tenha nenhuma distração, pode perder objetos com facilidade, e são facilmente distraídos.*

*Já na hiperatividade, nos observamos uma atividade motora em excesso, uma inquietude, remexer, batucar com as mãos, mexe muito os pés, conversa em excesso, tem dificuldade de esperar sua vez, como, por exemplo, quando está aguardando em uma fila, e na impulsividade, podemos observar a recorrência de ações precipitadas, essa pessoa vai atravessar a rua sem olhar, interromper a fala do outro, inclusive, essas características determinam os subtipos do TDAH, que*

*podem ser predominantemente desatento, predominantemente hiperativo e predominantemente impulsivo ou subtipo combinado, que é quando a pessoa apresenta tanto os critérios de desatenção, quanto os critérios de desatenção e hiperatividade. Eu pontuo também que caso tenham uma identificação com essas características, é importante buscar um profissional adequado, para te auxiliar nesse diagnóstico, como, por exemplo, um neuro psicólogo, um psiquiatra.*

### **BG SOBE E DESCE**

Em estudos recentes da Celleria Farma, indica que cerca de 2% a 8% dos estudantes universitários possuem sinais de TDAH e muitos deles passam boa parte do ensino médio sem saber que possuem o transtorno, descobrindo o diagnóstico apenas ao ingressar na universidade.

Por possuir demandas diferentes das que os demais alunos típicos possuem, questionei a psicóloga Beatriz quais seriam as dificuldades que um estudante com esse transtorno pode encontrar na vida acadêmica.

#### **1:07 -Beatriz 3**

*“ O estudante universitário com esse transtorno pode ter alguns desafios na sua jornada educacional, sabemos que um das características mais proeminentes do TDAH é essa dificuldade de manter a atenção, então esse universitário pode ter dificuldade em se manter concentrado em atividades que exijam manter um foco prolongado o que pode levar a erros e a uma sensação de frustração por parte desse estudante, uma dificuldade em organizar tarefas, com mudanças na rotina e interagir socialmente, pontuando essa cerca de inabilidade social, por não conseguir esperar o outro terminar de falar e acabar interrompendo o outro, conversar em excesso, nos casos de hiperatividade e impulsividade e também ansiedade em relação ao desempenho acadêmico, adaptação aos novos ambientes as mudanças que vão ocorrer em cada semestre e eu ressalto que com corretas estratégias e apoio adequado, conseguimos transformar esses obstaculo em oportunidades de crescimento contribuindo para que esse estudante alcance o seu pleno potencial acadêmico. “*

### **\*TRILHA SONORA\***

Durante as pesquisas, descobri que é muito mais fácil encontrar artigos sobre TDAH em criança. Os estudos que abordem o TDAH e a vida adulta são mais escassos.

Ainda assim, encontrei pesquisas interessantes de mestrado sobre o tema. Uma delas é a do psicólogo, Clóvis Panta, que aceitou conversar comigo em uma

videoconferência, sobre as dificuldades que os adultos com TDAH podem enfrentar em ciclos sociais e no âmbito de trabalho.

Ele explica que um adulto precisa atender a demanda do ambiente de trabalho. Com a pressão, muitas vezes o atípico não consegue responder na velocidade que a empresa espera. Isso faz com que ele não tenha energia para realizar outras tarefas ou cumprir os prazos.

Clóvis ressalta que uma das coisas observadas na hora de passar o diagnóstico a um paciente adulto, é a quantidade de tempo que esse mesmo adulto permanece em um emprego, e se possui uma grande rotatividade, pulando sempre de um para outro.

Nesse momento da conversa, resolvi perguntar se essa série de negativas, que não é culpa do indivíduo com TDAH, mas da condição, poderia gerar o receio de falar sobre o transtorno em ambientes acadêmicos e profissionais.

E a resposta dele permitiu fazer uma ligação com os demais entrevistados. Sim, a grande maioria, demonstrava receio de mencionar o transtorno com colegas ou mesmo professores, ainda que a informação pudesse ajudar no desempenho.

Clóvis menciona que dependendo dos casos não era recomendado comentar em entrevistas de emprego, Por exemplo, a respeito do TDAH, pois à falta de conhecimento dos contratantes o indivíduo pode ser visto de forma negativa.

### **\*TRILHA SONORA\***

Segundo a literatura, pessoas que possuem TDAH podem ter dificuldade para expressar sentimentos, principalmente por comparar o seu desempenho com outros estudantes e ter problemas relacionados a baixa estima.

O que pude observar durante a conversa com os estudantes da Uneb é que o transtorno não diagnosticado precocemente fez com que eles acreditassem não serem tão capazes como os demais.

E para compreender a correlação entre o transtorno e a autoestima dos estudantes, conversei com a psicóloga paraense Miriam Tavares. Ela é pós-graduada em análise do comportamento aplicado aos transtornos do neurodesenvolvimento.

### **2:00 Miriam 1**

*“O TDH. Ele é um transtorno neurobiológico que vai afetar a capacidade de concentração, a atenção e o controle de impulsos e tudo. E isso envolve também que é uma coisa que a gente até não pensa tanto regulação emocional. Então, acabar tendo alguns episódios emocionais um pouco mais intensos e a*

*impulsividade, aquele agir sem pensar. E para muitos estudantes, principalmente aí dentro da área acadêmica, dentro da área universitária, lidar com esses sintomas pode ser um tanto que desafiador, pode ter um impacto significativo na autoestima desses estudantes, porque imagina só tentar se concentrar em uma palestra, tentar ler o livro que a gente sabe que no ambiente acadêmico não é pouca coisa.*

*A gente lê bastante, mas a sua mente está ali, em constante divagação, divagando, né? Pulando de pensamento em pensamento. Então qualquer estímulo ali se torna um destratou, né? Ah, o TDAH. Ele costuma trazer aquela questão do hiperfoco, mas o foco ele surge quando? Quando tem mais de interesse. Muitas vezes na academia não são todos os temas de interesse. E quando a gente tem ali uma quantidade enorme de coisas para dar conta e acaba levando uma frustração, todas essas distrações?*

*Não, né? E aí, o que é que acontece? A pessoa com TDAH, ela precisa estar se esforçando três, quatro, cinco vezes a mais do que uma pessoa típica, né? E esses estudantes, conta DH, acabam enfrentando algumas dificuldades para acompanhar o ritmo das aulas, organizar suas tarefas acadêmicas.”*

### **BG SOBE E DESCE**

Segundo a psicologia, pessoas com TDAH acabam ficando suscetíveis a desenvolver outros transtornos, como ansiedade e depressão. Fazendo novamente a ligação dos estudos com os universitários presentes nesta pesquisa. Pode ser observado que a maioria possuía o TDAH e mais algum transtorno e em algum dos casos, o TDAH só foi diagnosticado através do acompanhamento psicológico para tratar ansiedade, por exemplo.

### **1:17 Miriam 2**

*“Então os estudantes. Eles podem procurar estratégias de gerenciamento de tempo e fazer terapia também é muito importante, principalmente ali. As terapias cognitivas, as terapias cognitivas, comportamentais, as terapias de terceira geração são bem interessantes para estar trabalhando com TDH e em casos que são necessários medicamento prescritos por médico que podem estar auxiliando na questão da atenção a depender do nível desse TDH.*

*Assim como também é crucial promover a conscientização e a compreensão sobre o TDAH, principalmente nesse ambiente. Mais uma vez, TDH Ele não limita ninguém. Os educadores, colegas de classe, familiares, eles podem estar desempenhando esse papel, que é um papel muito importante de oferecer apoio e compreensão a esses estudantes com TDH, né? Uma coisa que pode acontecer muito com esse estudante é a própria auto cobrança. Além da cobrança que já existe nesse meio. Então é muito importante estar tendo esse ambiente acolhedor, esse ambiente de apoio para que esses estudantes eles consigam ali se manter.”*

## BG SOBE E DESCE

É importante ressaltar que o TDAH não é um fator limitante para aquelas que possuem o diagnóstico. Com estratégias comprovadas por evidências científicas, atreladas a um acompanhamento psicológico, é possível superar os desafios.

### \* TRILHA SONORA\*

Rec 19 \* diário de bordo final do dia 1\*

### \* TRILHA SONORA\*

## GANCHO PARA O EPISÓDIO 2

Sou Laura Bitú. Este foi o primeiro episódio do podcast PODE REPETIR, intitulado “Pião”. O nome faz referência à fala do psicólogo que comentou durante a entrevista que se sente um pião de energia no meio das outras pessoas. Agradeço por me acompanhar até aqui. A gente se encontra no episódio 2. Vamos falar Silvia Benevides, profissional da pedagogia.

Esta produção é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, Campus Juazeiro, com orientação da professora Teresa Leonel.

[incluir créditos]

Nesse episódio foram entrevistados a psicóloga Beatriz dos Anjos Dias, pós graduanda em análise do comportamento aplicada e capacitação em TDAH e TEA, a psicóloga Miriam Tavares, pós-graduada em análise do comportamento aplicado aos transtornos do neurodesenvolvimento, e o psicólogo Clovis Panta pós graduando em terapia cognitivo- comportamental .

Com roteiro de Laura Bitú

Apresentação de Laura Bitú

Trilhas de banco de dados

Edição de Alexia Viana e Laura Bitú

## APÊNDICE 4 - Roteiro EP 2 'QUEM APRENDE?'

\* **TRILHA SONORA** \*

\* *Diário de bordo* \*

\* **TRILHA SONORA** \*

Episódio 2, quem aprende?

Pausa

Este é o segundo episódio do podcast "Pode Repetir?" A minha recomendação é que você volte para o Episódio anterior, o 1º, intitulado "Peão". Assim, você vai usufruir melhor desse conteúdo.

**(BG SOB/DESCE SOM)**

A jornada universitária não é fácil para ninguém, entretanto, ela pode ser ainda mais difícil para aqueles, cujo ambiente não está apto para atender às suas demandas.

Imagina estar em uma sala de aula, por horas e horas, e não conseguir compreender o que o professor está falando? E para dificultar ainda mais, ele não tem legenda para traduzir, claro. Parece que somos teletransportados para outro lugar.

Tentamos permanecer sentados em uma cadeira que mais parece está cheia de formigas, que não deixam você quieto. Também tem a sensação de que todas as pessoas estão fazendo a prova e você não consegue dar início a atividade. Ah..e tem mais... todo o ambiente parece mais interessante que responder a essas questões.

Foi sobre esses questionamentos, que eu precisei investigar e conversar com profissionais da pedagogia. Não para solucionar essas demandas, mas para buscar compreender o que a universidade e a pedagogia poderiam fazer para ajudar as pessoas atípicas.

\* **TRILHA SONORA** \*

Terça-feira, 30 de abril, 4 horas da tarde, em um banco azul, da Uneb, com apenas um gravador, conversei com a professora Silvia Benevides, coordenadora do NAI, Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da universidade.

Pedagoga, com formação em inclusão há mais de 40 anos, Silvia é uma mulher calma, com fala doce, em todo momento da entrevista estava tranquila e empolgada para explicar sobre inclusão e pedagogia, suas duas paixões.

Nossa conversa começou com ela contando sua trajetória com educação inclusiva.

**0:33 SILVIA 1- ...**

*” Sou especialista em educação especial, porque é uma formação que eu trago da educação básica, eu era professora da educação básica, fui professora de surdos, fui pioneira na década de 80 em petrolina, coordenei a APAI, tenha uma história na educação especial.....”*

**(BG SOB/DESCE SOM)**

Para Silvia, a pedagogia possui um papel importante na vida de todos, principalmente se tratando de priorizar e respeitar as diferenças na hora de ensinar.

**1:16 SILVIA 2**”.....*É uma luta pra gente da área da educação, temos que usar as possibilidades que a pedagogia tem para incluir.....historicamente a gente separou as pessoas e a gente hoje tem uma compreensão que as pessoas tem que estar juntas”*

**(BG SOB/DESCE SOM)**

No dia 30 de novembro de 2020, o Congresso Nacional decretou e sancionou a Lei de nº14.254 para resguardar os direitos dos alunos com TDAH.

Com a Lei as instituições de ensino têm a obrigação de oferecer formação aos educadores sobre os sinais do TDAH, sendo necessário, capacitar e apoiar os profissionais para os ajustes de abordagem com os alunos no dia-a-dia.

Também devem garantir o acesso à educação e preparar os docentes para receber os alunos atípicos.

Mas, quais as providências a UNEB estaria tomando para o cumprimento da lei? E é aí que entra o NAI, o Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da UNEB.

**0:33 SILVIA 3-** “... *Quando a gente projetou o núcleo a gente pensou em um espaço de discussão.....de acompanhamento pedagógico....”*

**(BG SOB/DESCE SOM)**

Entretanto, esse processo de inclusão não é fácil para ser implantado, principalmente em um ambiente universitário, que historicamente é pré-estabelecido com distanciamento entre professor e aluno. Para Silvia, os alunos que necessitam de uma adaptação do ambiente podem ter dificuldades para permanecer no ensino superior.

**2:10 SILVIA 4**”..... *não precisamos ser especialistas para atendermos as diferenças, temos que ter atenção ao outro, ao ritmo dos outros..... se estão falando de pessoas, não podemos ser distantes, temos que conhecer as pessoas ....”*

**(BG SOB/DESCE SOM)**

Esse processo de inclusão, embora lento e difícil, pois é necessário reestruturar bases educacionais construídas bem antes do meu nascimento ou do seu, para Silvia não é algo utópico e sim um processo possível...se persistirmos.

**0:40 SILVIA 5-**

*“ Se não pelos movimentos de tomada de consciência, dos próprios professores, profissionais da educação, da necessidade da gente está aberto para as diferenças, da gente entender que as diferenças existem e estão presentes pelo aparato da lei, por que a gente tem uma lei hoje, no Brasil, que indiscutivelmente ela já oferece todos os caminhos legais para que essas pessoas sejam acompanhadas, é um direito constitucional, é um direito legal para todos estarem no seu processo de escolarização da rede infantil e do ensino superior, a gente tem lei de cotas, tem uma legislação já, a lei Brasileira de inclusão que já orienta dentro desses processos escolares, a própria lei de diretrizes base já indica da obrigação dos processos inclusivos, então não tem por que a gente não se mover para processos mais favoráveis, eu acho que a gente n tem que ficar assim pensando no ponto de visto da utopia porque já é uma realidade bem consolidada”*

**(BG SOB/DESCE SOM)**

Embora esteja no estágio inicial, o núcleo de acessibilidade da Uneb, já está realizando um levantamento em todo o campus 3 em Juazeiro, para descobrir quais alunos possuem laudos e necessitam de adaptações acadêmicas. Outro passo é

conseguir a contratação de profissionais com formação específica para auxiliar o projeto e os alunos.

É importante destacar que embora a universidade tenha pré-estabelecido padrões fechados de ensino e de inteligência, ou mesmo que os professores ainda não estejam aptos para nós receberem, por não possuir formação ou infelizmente interesse em aprender sobre inclusão, nós, pessoas atípicas, não podemos esquecer que temos o direito de permanecer nesses espaços e somos tão aptas para concluir as etapas acadêmicas, como qualquer outra pessoa.

\* **TRILHA SONORA** \*

### **GANCHO PRO EP 3**

Sou Laura Bitú. Este foi o segundo episódio do podcast PODE REPETIR, intitulado “QUEM APRENDE? Obrigada por ouvir este episódio e no 3º conto com sua audiência. Você vai conhecer as histórias de alguns estudantes atípicos da Uneb Juazeiro. Esta produção é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, Campus Juazeiro, com orientação da professora Teresa Leonel.

[incluir créditos]

Nesse episódio foram entrevistado Silvia Benevides

Com roteiro de Laura Bitú

Apresentação de Laura Bitú

Trilhas de banco de dados

Edição de Alexia viana e Laura Bitú

## APÊNDICE 5 - Roteiro EP 3 'QUEM SOU EU?'

\* **TRILHA SONORA** \*

*Rec 19 \* diário de bordo \**

\* **TRILHA SONORA** \*

Epsodio 3, quem sou eu ?

Pausa

Olá, esse é o terceiro episódio do podcast “ PODE REPETIR”, intitulado Quem sou eu? Caso este seja o primeiro episódio da série que você esta ouvindo, recomendo que ouça os anteriores para melhor compreensão da nossa trajetória até aqui.

(BG/SOBE/DESCE)

Receber um diagnóstico de TDAH pode ser assustador no início. Ter que compreender que o seu tempo não é igual ao das outras pessoas e que você funciona diferente...não é fácil. Porém, em algum momento, na trajetória de aceitação, você percebe que aquele diagnóstico pode ser a luz no fim do túnel.

Imagine passar uma vida inteira com o sentimento de incapacidade. De planejar para estudar, e passar mais tempo no plano de estudar, mas nunca realmente estudando... Sentar para ler um livro. Ler e reler por horas e no momento de mostrar

o que você aprendeu, simplesmente, ser incapaz de pôr as palavras no papel. Receber o resultado da prova e sentir que não importa o quanto tente. Você não consegue ter os mesmos resultados que os demais.

Ser apontado como preguiçosa, por não conseguir ter energia para realizar atividades simples como arrumar uma gaveta. Também se sentir desleixada, porque o seu quarto está uma zona, mesmo que isso te incomode, o seu corpo simplesmente se recusa a ter energia para organizar.

E aí vem o diagnóstico. Você, finalmente, compreende que seu tempo não é igual ao dos outros. Que você não é menos que eles, e todas as coisas difíceis de fazer, tinham uma razão para serem tão difíceis e é aí que tudo começa a mudar e só então, você percebe que não precisa mais ser tão dura consigo mesma.

### **\*TRILHA SONORA\***

17 de abril de 2024

Pausa

A petrolinense, Ana Luiza Gonçalves, tem 19 anos e é estudante de Direito na Uneb Juazeiro. Quando a conheci, aparentava estar um pouco nervosa com a entrevista, mas ao longo da conversa foi ficando mais confortável no ambiente.

Enquanto aguardávamos sua irmã, que também participou da conversa, Ana aproveitou para compartilhar como ela se vê como pessoa que tem o TDAH.

#### **2:00-2:54 Ana Luiza**

*“Eu ainda tô na fase de descobertas, então eu ainda tô me conhecendo aos poucos e saber que eu tenho TDAH é trazer um novo capítulo na minha vida de que não me senti tão perdida, porque até então eu sempre sabia que eu era diferente, mas eu não conseguia colocar um nome do porquê que eu era assim, o que que tinha assim, entre aspas, o que tinha de errado comigo. E aí, a partir do momento que eu soube que eu tinha TDAH, eu consegui colocar como base, tipo, a partir disso, a partir de eu saber*

*que eu tenho TDAH, eu posso agora trabalhar em ferramentas e como eu posso entrar em harmonia com o meu diagnóstico.”*

**(BG SOB/DESCE SOM)**

Ser diferente por não ser capaz de ter o mesmo ritmo das outras pessoas e não saber que fazer com o fato de você ser dessa forma, foi um dos fatores prejudiciais à autoestima de Ana.

### **3:14 - 4:17 Ana Luiza 2**

*“Durante todo o meu período escolar sempre foi um assunto muito delicado, ainda é um assunto muito delicado, porque eu tenho muitas dificuldades nos estudos e sempre ver o pessoal conseguindo estudar mais do que eu, vamos dizer assim, sempre foi uma coisa que me fazia me sentir muito mal, porque vinha a semana de provas e eu não conseguia estudar, as atividades eu tinha dificuldade para fazer e aí eu virava para o lado e minha coleguinha conseguia fazer em 10 minutos o que eu demorava uma aula inteira para fazer. Foi bem complicado. Justamente pelo fato de que, por eu não ser diagnosticada, então eu sempre achava que eu era o problema. Que eu era preguiçosa ou que eu não tinha capacidade pra conseguir fazer as coisas que os outros faziam. E aí isso me afetou bastante, sim.”*

**(BG SOB/DESCE SOM)**

Ana também mencionou os desafios que enfrenta com os sintomas do TDAH no meio social.

### **10:11 - 11:20 Ana Luiza**

*“Então, eu tenho hiperfoco, eu tenho muita procrastinação, eu tenho muita dificuldade pra me concentrar, pra estudar, eu me atraso muito porque eu tenho dificuldade em*

*determinar o horário, eu tenho dificuldade de seguir rotina, eu tenho pensamentos acelerados, ecolalia.*

*Muitos sintomas que eu tenho certeza que eu tenho mais, eu só não tive ainda esse controle de olhar e falar assim no TDAH e também muitos sintomas que acabam passando despercebidos como dificuldade para comer dificuldade para até beber água, porque a gente, por exemplo, quando tá em um quadro do hiperfoco, a gente acaba esquecendo de tudo, então a gente esquece que a gente tem que comer, a gente esquece que a gente precisa tomar banho, a gente esquece que a gente precisa beber água, que a gente precisa ir pro banheiro, que existe um universo ali, além do que a gente tá ali concentrada. Então, uma coisa também muito que me caracterizou como uma pessoa fria, por conta que eu acabo não me concentrando muito nas minhas relações. Mas não é uma questão de tipo, eu não faço propositalmente, é só que o meu cérebro ele processa tão rápido que eu acabo não demonstrando da forma como a pessoa espera que eu demonstre. Então, aquela coisa de sempre eu estar falando, olha, tenha paciência comigo, eu tenho muito TDAH, eu sou uma pessoa diferente de você”.*

### **\*TRILHA SONORA\***

A descoberta do TDAH, em alguns casos, pode ser o ponto de largada para algumas pessoas, como no caso de Ana Laura Gonçalves, de 21 anos, irmã mais velha de Ana Luiza.

Após anos de terapia, que mostravam poucos resultados, por não ter o diagnóstico correto, Ana Laura se via estagnada no tratamento, com quadros graves de depressão e ansiedade.

**7:00 - 8:20 Ana Laura**

*“Não tinha expectativa nenhuma de que eu fosse receber o diagnóstico e pra mim, ao mesmo tempo que foi algo completamente inesperado, também foi uma oportunidade de eu me debruçar sobre o assunto e estudar sobre, e descobrir, e me descobrir em muitos aspectos. tanto do transtorno e a partir de descobrir os sintomas, de descobrir as questões, direcionar a minha vida a partir daquele olhar. Então, é como se tivesse dado uma luz em cima da maioria dos meus problemas, porque assim, eu posso focar agora qual é o problema e encontrar a solução a partir dessa informação. Então pra mim, direcionou muitos aspectos da minha vida, me deu a oportunidade de criar estratégias pra enfrentar os problemas. E foi algo que deu certo. Como eu falei anteriormente, o meu tratamento tava estagnado, tratamento da ansiedade, da depressão, enfim. E a partir do diagnóstico do TDAH, a gente conseguiu, a gente mudou completamente o tratamento, pelo menos o tratamento psicológico, psiquiátrico. Virou completamente a chave. Assim, eu melhorei exponencialmente depois de que a gente começou a tratar o TDAH”.*

#### **(BG SOB/DESCE SOM)**

Estar na sociedade e ser diferente, muitas vezes, não é fácil. Ter uma rede de apoio é muito importante, porém, interagir com pessoas fora dessa bolha às vezes é complicado.

#### **11:31- 12:20 Ana Laura 2**

*“Em situações com pessoas mais distantes, eu tenho um certo medo mesmo de falar. Eu acho que há muitos discursos em que você se diz, você pode dizer, não, eu não fiz isso por conta do TDH. E a pessoa vai dizer, não, você tá dando uma desculpa. Acontece você, ah, eu não consegui entregar no prazo. Essa atividade não, mas é porque você é desorganizado, porque você é preguiçoso. Ah, mas é uma coisa que acontece muito na minha casa, pelo menos. Tem uma tarefa X para fazer, uma tarefa para arrumar o quarto. Muito simples, aparentemente. E aí, o que acontece, eu me arrumar, acho que essa coisa pega muito mais pra mim, que é a questão de horário. De se atrasar bastante.*

*O meu gerenciamento de tempo é muito, muito ruim. Então, eu tomo compromisso com a pessoa, e aí eu me distraio. E eu me distraio, e aí quando eu vou olhar o horário, já é a hora que eu marquei com a pessoa, eu estou em casa, eu dei pijama. É um pouco difícil você olhar pra pessoa que tá te esperando a meia hora e dizer assim, ah, desculpa. Porque eu não tenho uma geração nesse tempo muito boa. As pessoas nem entendem isso. As pessoas nem entendem. A nossa geração, digamos assim, tem um pouco mais de contato. Mas pessoas mais velhas... você tá inventando. É tipo assim”.*

### **\*TRILHA SONORA\***

No último ano da escola, os adolescentes precisam pensar como será o futuro. Tornar-se uma tarefa difícil para qualquer pessoa. Gera ansiedade em quase todos os estudantes, porém, esse sentimento é ainda maior naqueles que possuem um transtorno.

#### **4:06 - 5:38 Ana Laura e Ana Luíza 1**

*“De boa vestibular, passar na faculdade, e fazer prova já é muito ruim. Com prova de uma matéria, quando é aplicado o vestibular, seja o vestibular da Uneb, seja o Enem, é literalmente um inferno, porque a experiência de você fazer uma prova nas mesmas condições de outras pessoas, que não tem o que a gente tem, É muito ruim, porque você se desconcentra muito fácil, o corpo é barulho, te distrai.*

*Seu cérebro, às vezes, ele simplesmente fala.*

*Não vou funcionar mais. Beijo! E aí, aquela pressão que você tem, tipo, ah, eu preciso terminar essa prova em cinco horas, eu preciso entregar no mesmo prazo que todo mundo, meu Deus, eu não vou conseguir. E no primeiro dia, geralmente, todo vestibular tem a redação. Então, além de você ter todo esse processo só nas questões fechadas, ainda tem a questão da redação. É o inferno!”.*

#### **6:46- 7:34 Ana Luíza e Ana Laura 2**

*“E aí foi muito complicado pra mim emocionalmente, digamos assim, naquela época, porque eu tinha que fazer o vestibular, eu queria prestar o vestibular pra um neve, pra direito, que era muito concorrido, e enfim... Acho que não é uma experiência legal, não é uma experiência legal. Acho que o vestibular não é bom pra ninguém. É um período horrível pra vida de todo mundo. Só que aquelas questões que eu falei sobre se culpar, de você se achar preguiçoso, desorganizado, não conseguir se concentrar, estar sempre desatento e se sentir horrível por conta disso, porque não tá conseguindo corresponder às exigências. É muito pior quando você não tem nem onde apoiar. A culpa é sua. Quando você tem um diagnóstico, você vê, não, eu tô tendo esse problema por conta disso. E eu posso direcionar a...*

*Plano para conseguir vencer esse problema, a partir da visão de que eu tenho esse problema. Mas quando você não sabe, você não faz a menor ideia do problema que você tem, a culpa é sua, o problema é seu, entendeu? Você é uma pessoa horrível e irresponsável, você não consegue estudar.”*

#### **(BG SOB/DESCE SOM)**

Diferente do ambiente escolar, a universidade exige dos estudantes uma autonomia maior. O aluno tem mais liberdade para pesquisar assuntos que são do seu interesse. Não tem tantas cobranças dos professores, entretanto, essa liberdade, pode ser um problema para estudantes com TDAH.

#### **14:22 - 13:33 Ana Luiza 4**

*“Então, o meu processo E inimigo nível final é você conseguir ter tempo pra fazer as coisas porque você sempre sente que o tempo passa muito rápido e você se planeja pra fazer as coisas e aí quando chega na hora de executar você não consegue fazer nada e aí você se sente culpado porque você não consegue fazer nada e fica girando nesse ciclo vicioso e quando a gente finalmente consegue fazer é muito bom, só que vem aquela questão de tudo no seu tempo. Então, por exemplo, a gente tem um prazo pra fazer uma prova, e aí você precisa estudar pra aquela prova, e aí tudo que você conseguiu estudar é Metade do conteúdo, porque foi aquilo que você conseguiu alcançar no meio tempo em que você teve foco suficiente pra estudar, pra sentar a bomba na cadeira e estudar. E, ao mesmo tempo, que é uma coisa muito boa, que a*

*gente, se conseguir, pelo menos, chegar a esse ponto de estudar metade do conteúdo, a gente acaba se sentindo culpada. Porque, poxa, eu tive tempo pra estudar tudo, por que eu não consegui? Sabe? Então, o gerenciamento do tempo, ele é um assunto muito delicado que no momento, é um dos meus maiores problemas que eu tenho atualmente.*

*O gerenciamento de tempo não é o único vilão para estudantes atípicos, a falta de inclusão dentro da sala de aula e a carência de atividades adaptadas, também prejudicam o desempenho.”.*

**(BG SOB/DESCE SOM)**

### **26:56- 28:00 Ana Laura e Ana Luiza 3**

*“Você vai fazer uma tarefa x e você pensa que você vai gastar duas horas naquilo e às vezes você vai gastar 1, mas às vezes você vai gastar 10. E aí é muito complicado a questão da... na universidade é que como é mais livre, você se engana nesse processo. Você acha que você tem tempo pra fazer? Você acha que você vai ter tempo? É daqui a uma semana, vai dar certo. Não, não vai. Começa a fazer hoje, viu? Só isso que eu te digo.....*

*A questão é que os professores não usam material de apoio. Tipo assim, o professor não tem slide, ele dá aula só falando, ou o que ele fala não tá no slide, por exemplo. Pra mim, é difícil de acompanhar. E não é nem isso, porque assim, normal, eu também faço apresentação, eu sei que nem tudo que tá no slide eu vou falar, nem tudo que eu vou falar tá no slide, isso não tem problema. Mas pra mim, é muito difícil quando os professores os que usam material de apoio, no caso slides, apostila, porque senão, não é isso, é escrever no quadro, então não tenho dificuldade com relação a escrever no quadro, mas quando a pessoa usa material de apoio, nem envia pra gente com antecedência, porque aí eu não consigo, é porque eu não tenho material, eu não sei se eu olho pro material, se eu olho pro professor, no meio do caminho não gera nada e fica uma confusão danada. Com relação a prova, eu sinto dificuldade com o tempo. Alguns professores, eu já cheguei neles e pedi, principalmente os professores que tem provas que são dissertativas. Eu peço e até agora eu não tive nenhum problema com isso. Os professores concederam dar um tempinho a mais e tudo bem pra eu fazer as provas dissertativas porque eu demoro muito tempo pra escrever, porque eu demoro muito tempo pra organizar as minhas ideias. Então, é até É muito frustrante,*

*eu acho. Seja atividades, provas, distância aliada. Eu acho que essa é a melhor palavra para descrever. É frustrante você estar Na sala de aula, você está tentando fazer um trabalho que você percebe, acho que a prova é a forma mais escancarada, de você nivelar. As pessoas vão fazendo, vão terminando, e você vai ficando lá. É muito, muito frustrante.”*

### **\*TRILHA SONORA\***

O estudante de Direito, Joislan Ferreira tem 23 anos. Foi diagnosticado com TDAH aos 12 anos de idade. Mas, passou a entender o seu transtorno aos 18 anos, quando começou a ter dificuldades na sua vida pessoal.

#### **4:07- 4:55 Joislan 1**

*“Esquecimento básico. Eu não consigo prestar atenção em aula do tipo. Tem algumas coisas básicas que eu não consigo decorar. Por exemplo, eu não sei a ordem dos meses. Eu tenho que contar números de dedos. Eu não faço ideia do que é. Por exemplo, agora que você me deu um papel pra escrever o meu nome. Eu ia botando Juazeiro no meu nome. Eu ia botando o meu nome embaixo e a data. Eu ia botando, tipo, errada também. São essas coisas básicas que eu sinto que tem que parar um pouco. Aí me concentrar, refletir um pouquinho. Pensar realmente antes de fazer.”.*

*Ter uma rede de apoio no ambiente acadêmico pode facilitar a permanência dos discentes na universidade. Porém, nem sempre é fácil compartilhar com os professores ou com os colegas de turma o seu diagnóstico. Também. São a maioria das coisas. Eu troco muita palavra também na hora de escrever, na hora de digitar, na hora de resumir. Às vezes eu estou escrevendo normal e... Escrevendo normal, eu começo a pensar alguma coisa,*

*eu começo a escrever o que eu estou pensando, sem notar que eu não escrevi o que eu estou pensando e nem lembro o que eu estava fazendo mais. É isso que eu penso. Uhum”.*

**(BG SOB/DESCE SOM)**

#### **5:27 - 5:43 Joislan 2**

*“Já chegou a comentar com algum professor? Não. De algum tipo de nada? Não. Seus professores não sabem, então? Não. Você se sente confortável em conversar*

com eles? Não. Mas tem algum motivo? Ou só você acha que eles não vão compreender qual é a razão de não falar? Ou não existe a necessidade? Eu não acho que seria muito interessante falar... Eu acho que não precisaria entender se eu pedisse alguma ajuda. Se eu disse, tipo, assim,

ah, precisa falar, você me dá um tempo a mais. Eu acho que... Eu acho difícil até que algum professor daqui entenda. Uhum. Então...”.

**\*TRILHA SONORA\***

Renata Maria Ninhares tem 18 anos e também cursa Direito na Uneb. No quarto período recebeu o diagnóstico do TDAH e durante a nossa conversa, contou como foi receber essa informação.

**1:38 - 2:56 RENATA 1**

*“Foi muito assim. Eu vou dizer que foi como. Porque foi um momento que eu, de certa forma, 20% de mim já esperava que fosse aquilo. E aí, quando foi, eu disse, tá, tá certo. Aí eu...”*

*Minha mãe ouviu e disse, faz sentido? Aí eu contei para os meus amigos, para a minha família, e todo mundo que eu contava dizia, ah, é verdade, faz sentido. E aí, para mim, foi, ué, como assim?*

*Como é que todo mundo suspeitava disso? Ninguém me falava. E aí, eu saber também, um pedaço da minha cabeça dizia, ah, então era por isso. Porque o diagnóstico, para mim, foi dar sentido a vários comportamentos soltos que eu tinha e que eu achava que era uma falha minha, que era um bug meu, eu usava muito esse termo de bug, é um negócio meu, para justificar aí que eu tentava entender, mas eu não entendia de onde vinha. E eu tentava cortar.*

*Enfim, eu não sabia lidar com aquilo. Justamente por não saber que era o TDAH. E aí, para mim, foi ao mesmo tempo dar nome aos bois, mas também, para mim, foi um... um pouco angustiante, no fundo, porque eu pensei, poxa, e agora?*

*É um transtorno. Não é algo que eu posso fazer um exercício e melhorar. Não é algo que eu possa comer uma coisa diferente e melhorar. É uma coisa que eu vou ter que conviver para a minha vida toda. E aí, foi, pelo menos, eu dei nome a isso, que eu já tinha, né? Mas, mesmo assim, caiu um pouquinho essa ficha, né? De transtorno”.*

**(BG SOB/DESCE SOM)**

Para Renata, se entender como uma pessoa atípica, entender o seu tempo, está sendo um processo de autoconhecimento.

**3:13 - 4:03 RENATA 2**

*“Nos primeiros momentos que eu me vi como uma pessoa com um nome de atípica, eu fiquei bugada e eu comecei a pensar, ah, tá ruim. Onde vai o TDAH e até onde vou eu mesma?”*

*Porque que comportamentos meus são minha personalidade e quais são o TDAH influenciando minha personalidade? E aí, isso aí começou a me perturbar muito. Mas, depois, eu fui aprendendo a conviver*

*e eu fui vendo que ser uma pessoa atípica é uma característica e não um problema.*

*E foi muito interessante essa descoberta de ser uma pessoa atípica,*

*até mesmo para ressignificar coisas que existiam na minha vida e que eu não fazia a mínima ideia do que fazia. E nem que aquilo era um problema ou algo diferente. E aí, eu não sei explicar bem, mas é muito complexo.*

*Eu acho que é uma coisa que cada um vai viver de um jeito. Mas, para mim, foi isso, sabe? Ainda é uma coisa que eu estou me descobrindo porque, para mim, não faz muito tempo de diagnóstico comparado com o resto da minha vida que eu vivi sem, saber o que era, né? Mas eu acho que a pessoa que ela é atípica, ela tem sempre essa descoberta de comportamentos novos, de questões que vão exigir lógicas novas, de funcionamento.*

*Porque, para mim, é como se algumas funções minhas estivessem para ser ajustadas. E é uma das coisas do meu manual, eu ainda não li. E a pessoa vai vivendo e vai vendo isso. Eu acho um pouquinho fascinante, um pouquinho assim, dá medo. É algo bem interessante.”*

**(BG SOB/DESCE SOM)**

Pessoas com TDAH podem apresentar sintomas no comportamento, como hiperatividade. Na cognição pode ser o esquecimento e no humor a ansiedade.

Por ter um diagnóstico recente, a estudante comenta que com frequência se sente incomodada com os seus sintomas.

### **5:33 - 7:35 RENATA 3**

*“Varia muito. Porque tem sintomas como esse aí da questão do tato que me incomodam. Que é uma coisa que eu não consigo controlar. Mas se eu vejo uma coisa que eu acho que é uma coisa diferente, eu quero sentir.*

*Eu não consigo controlar. E aí me incomoda muito. Já tenho outros sintomas que eu estou tentando aprender a curvir. Nenhum dos sintomas, assim, para mim é 100% agradável, 100% desagradável.*

*Porque algumas coisas tipo hiperfoco, que o povo acha que é um superpoder TDAH, não é um superpoder. É uma coisa horrorosa. Eu já aprendi, até uma época que eu sabia um monte de nomes de pedras preciosas quando era criança, porque eu tive hiperfoco nisso. É útil? Não. É horrível? É horrível. Mas, ao mesmo tempo, dá para você utilizar. Porque eu já tive hiperfoco em Direito Administrativo.*

*E aí eu comecei a ler as leis, eu comecei a estudar. E aí eu estudei horrores Direito Administrativo. E eu gostava dos princípios, eu gostava das questões do Direito. E aí isso me ajudou na hora da prova. E aí tem sempre essa questão.*

*Nenhum sintoma vai ser 100% negativo, nem 100% positivo. Apesar de ter alguns que eu quero controlar. Eu acho que ainda vem muito dessa influência do exterior, que ainda não estão preparadas as pessoas.*

*Ao redor não estão preparadas para uma pessoa que ela é atípica. E aí alguns comportamentos, principalmente esses mais... Impulsividade, essa questão de ter que sentir as coisas, hiperatividade.*

*São coisas que eu me incomodo, porque eu ainda penso um pouco com esse pensamento das outras pessoas. Tipo, poxa, você não está sendo igual aos outros. Que sempre foi uma cobrança que eu tive muito em mim desde pequena. E, voltando à questão diagnóstico, me ajudou.*

*Porque eu sempre me cobrava muito. Por que você não faz isso igual a todo mundo? Eu usava palavras que não são utilizadas com outras pessoas. E que eu não utilizava com outras pessoas. Mas que eu utilizava comigo. Eu não sabia o que era TDAH.*

*Eu dizia, Renata, por que você não é normal? Eu dizia, por que você não faz isso igual a todo mundo? E era uma coisa que me perseguia. E aí tem ainda essa influência.*

*Tem um pedaço de mim que quer censurar esses sintomas mais impulsivos, mais característicos.”*

**(BG SOB/DESCE SOM)**

Assim como Joislan, Renata também não se sente confortável em mencionar o seu transtorno com outras pessoas, chegando a se sentir uma impostora por não mencionar o diagnóstico em algumas situações.

#### **11:42 - 12:52 Renata 4**

*“Eu sempre fui alesa. A sonsa. E aí eu acho que, para mim, está bom já de tanto ouvir, sabe? Eu não quero mais ouvir esse tipo de coisa.*

*Eu acho que a partir do momento que as pessoas souberem o que eu realmente tenho, talvez isso aí dê a elas uma munição a mais. Porque é muito cansativo você no dia a dia. Não é porque você não tem um diagnóstico que você não vai ouvir coisas. Ouvi muita coisa. Eu acho que todo mundo que tem TDAH ou algum tipo de outro transtorno já ouviu muito. Isso é diferente. E eu já sofri muito. Eu sofri muito com algumas questões. E é uma coisa que me machuca, sabe?*

*Eu odeio isso. Para que você fazer isso com um ser humano? Cada ser humano tem seu tempo, tem seu funcionamento. E eu acho isso magnífico. Uma coisa fantástica. E aí eu tenho muita ligação desse medo de capacitismo, desse medo de não poder entrar nos lugares de cabeça erguida. De não poder entrar nos lugares que eu quero ir. De não poder fazer minha profissão. De exercer o que eu sonho. De não poder estudar o que eu quero. De não poder apresentar meus trabalhos. Eu tenho um medo absurdo disso. De não poder falar.”*

**\*TRILHA SONORA\***

Estas foram algumas das histórias dos estudantes com TDAH da Universidade do Estado Bahia, no campus de Juazeiro.

A trajetória acadêmica não seja fácil e quando você não faz parte do padrão típico ela é mais árdua e, algumas vezes, solitária. Por não ter coragem de falar sobre o transtorno com as pessoas que estão no nosso entorno, a jornada é bem difícil. Mas, não é impossível e você não está sozinha.

### **\*TRILHA SONORA\***

\*Diário de bordo final do dia\*

### **\*TRILHA SONORA\***

Sou Laura Bitú e esse foi o último episódio do podcast **PODE REPETIR**, intitulado **“QUEM SOU EU?”** O tema faz referência à fala de uma das estudantes que comentou durante a entrevista que muitas vezes se perde na hora de saber se aquelas características e traços de personalidade fazem parte de quem ela é ou é o TDAH.

Agradeço por ter ouvido essa série de podcast até o fim e espero que leve dela bons ensinamentos e a compreensão de que a universidade deve ser um local de inclusão.

As gravações desse episódio foram todas feitas na sala de TCC do campus três da Uneb em Juazeiro.

A escolha do ambiente foi proposital. O lugar é pouco frequentado, e reservado. O estudantes ficaram mais confortáveis para compartilhar suas histórias.

Esta produção é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, Campus Juazeiro, com orientação da professora Teresa Leonel.

[incluir créditos]

Nesse episódio foram entrevistados os estudantes Ana Luiza Gonçalves, Ana Laura Gonçalves, Renata Maria Ninhares e Joislân Ferreira

Com roteiro de Laura Bitú

Apresentação de Laura Bitú

Trilhas de banco de dados

Edição de Alexia Viana e Laura Bitú

**Perguntas pessoais (dados)**

Nome

Idade

Curso

Faz uso de medicação

**Perguntas referente ao TDAH e a vida pessoal**

Quando obteve o diagnóstico ?

Como foi receber o diagnóstico?

Como se vê no TDAH ?

Como se sente por apresentar sintomas de TDAH ?

Considera que tem uma rede de apoio familiar ?

Considera que tem uma rede de apoio no meio acadêmico ?

**Perguntas referente ao TDAH e a vida acadêmica**

Quando ingressou na universidade ?

Como foi o processo para ingressar na universidade ?

Você sente alguma diferença entre ser estudante universitário e ser estudante do ensino médio?

Como é ser um estudante atípico na universidade?

Quais são suas estratégias para estudar?

Quais são suas principais dificuldades em sala de aula

Sente que o TDAH atrapalha seu desempenho acadêmico?

## APÊNDICE 7 - FORMULÁRIO DE PERGUNTAS (PSICÓLOGOS)

O que é o TDAH?

Como ele se manifesta em adultos?

Quais os sintomas do TDAH?

Como é feito o diagnóstico?

Quais são os principais desafios que um estudante com TDAH pode enfrentar na universidade?

Por que as pessoas com TDAH tem receio de falar sobre o seu transtorno no meio acadêmico?

Por conta do TDAH o indivíduo pode desenvolver outro transtorno?

Quais os impactos que o TDAH pode causar na autoestima do indivíduo?

## **APÊNDICE 8 - FORMULÁRIO DE PERGUNTAS (PEDAGOGA)**

O que é o Nai?

Como o Nai funciona?

O Nai já tem projetos que visam a inclusão de estudantes com TDAH ?

Qual papel da Pedagogia nesse processo de tornar a universidade um local inclusivo para pessoas atípicas ?

Como criar atividades inclusivas para universitários atípicos?